



O calor e a cidade

A primeira coisa que me vem à memória sempre que recordo aquela semana de 14 a 21 de Julho e o ICME 96 em Sevilla é o calor... E ainda hoje me pergunto como foi possível que mais de 4000 participantes e cerca de 1000 acompanhantes tivessem podido resistir aquelas temperaturas que durante o dia oscilavam entre os 40 e os 50 graus e à noite refrescavam ligeiramente para 35-38 graus... Mas Sevilla é sempre fascinante. A cor, o cheiro, a planura, o rio, as casas, os monumentos, os bairros, as gentes, a alegria, a noite, a música e a dança. E se só a possibilidade de passar uma semana nesta cidade já me deslumbra, quanto mais se esta era a semana do 8º ICME, com toda a riqueza de experiências, conhecimentos e esperanças que o encontrarmos sempre supõe!

O Congresso

Mais de 4000 participantes, provenientes de cerca de 100 países, não dá para imaginar! O *Diario de Sevilla* fez sair um número especial para cada dia do encontro, distribuído gratuitamente aos participantes. O primeiro número já dava a conhecer os dados relativos aos participantes, referentes a 9 de Julho, que viriam posteriormente a aumentar: cerca de 70 de África, 1100 da América, 400 da Ásia, 1900 da Europa e 250 da Oceania. Portugueses, diziam os papéis, éramos 108, mas havia tantos outros, conhecidos de anteriores encontros ou que passámos a conhecer neste, com

ICME 8 • Sevilla 96

quem era frequente conversarmos, em português, em castelhano, em inglês... (não, parece que em japonês nenhum de nós conversou, apesar da simpatia dos nossos colegas nipónicos que nos puseram a dobrar papeizinhos de cores para tentarmos fazer todo o tipo de construções em origami e nos aliciaram já para o ICME 9 no Japão; mas isso é só lá para o ano 2000...). Quanto ao tipo de sessões (as formais, as que constavam do programa) foram: 4 Conferências Plenárias (duas na manhã do dia de abertura e duas na do dia de clausura), 60 Conferências Ordinárias (uma do nosso colega Paulo Abrantes), 26 Grupos de Trabalho, 26 Grupos Temáticos (de um deles, o responsável foi o João Pedro da Ponte e vários portugueses tiveram intervenções em diversos grupos) e 685 Comunicações Breves, quer em forma de poster (592 - 9 portuguesas), de vídeo (41), ou de software (75), para além de reuniões de grupos permanentes de trabalho e de seminários do ICMI, 3 apresentações nacionais, sessões especiais, apresentações de projectos, exposições de projectos (lá estava o Grupo de Trabalho de Investigação da nossa APM), variadíssimas exposições não comerciais e comerciais, workshops, encontros, ... E houve mais: espectáculos (o da noite da abertura, pela Companhia Andaluza de Dança, inesquecível, comovente, sedutor), exposições em diferentes locais da cidade, um dia de turismo (com programas diferentes para todos os gostos, até o de não participar em nenhum e aproveitar um dia livre em Sevilla), a Happy Hour (todos os dias a partir das 21h, verdadeira hora feliz quando o calor abrandava para valores suportáveis e nos sentávamos na relva ou passeávamos por entre os numerosos grupos de pessoas, com um *bocadillo*, uma bebida e muita conversa, canções e convívio).

O melhor e o pior

Esta é certamente uma avaliação

subjectiva. O pior é certamente inevitável: o interesse de algumas das sessões em que participei, de algumas intervenções que ouvi, foi, no mínimo, duvidoso, para não dizer muito reduzido; a organização de um encontro destas dimensões e com um clima como aquele, enfrenta condicionalismos muitas vezes impossíveis de ultrapassar. O melhor é o que nos fica retido na memória e no coração: Há sempre uma descoberta que se faz; grande ou pequena, ela ali está à nossa espera; uma coisa nova que se aprende, diferente, bela, divertida... tantas vezes nos locais mais inesperados. Há um tempo privilegiado de estar com os amigos (há já alguns anos que os ProfMat's não me permitiam tanto tempo de encontro informal e descontraído com os meus próprios colegas e amigos portugueses: estamos sempre tão absorvidos com tudo o que temos que fazer nos nossos encontros que podermos estar num, organizado por outros, é um descanso...). Há o sentido da diversidade e da solidariedade já que, pela primeira vez na história dos ICME's e conforme fora anunciado pelo presidente do ICMI, Miguel de Guzmán, na clausura do ICME7 no Quebec, se desenvolveu uma política de solidariedade, destinando-se 10% das inscrições para bolsas, permitindo assim que "nenhum professor que tivesse algo que dizer neste Congresso ficasse de fora por motivos económicos". Há o conhecer pessoas novas, de outros cantos do mundo, tão longe e tão diferentes e no entanto tão próximos, neste *sentido de pertença* que uma comunidade, como a dos que se dedicam à educação matemática, cria e potencia em cada um de nós. Há o regressar com vontade de fazer um bocadinho melhor porque alguém (muitos), em algum sítio, também o está a tentar.

Lurdes Figueiral
Esc. Sec. de Odemira